



Opinião Econômica

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de
investimentos e fundador do
Monitor do Mercado



Gado brasileiro bate na cerca da China, mas pode pastar nos EUA

Limite chinês trava vendas e ameaça alíquota de importação

Enquanto o governo brasileiro decide como vai aplicar reciprocidade à injustificável sobre-taxação de nossos produtos pelos Estados Unidos, o agro nacional discute como contornar um “tarifaço” do outro lado do mundo.

A carne bovina ficou fora das novas taxas impostas por Donald Trump, mas agora enfrenta algo ainda pior, vindo de Xi Jinping: uma tarifa que pode saltar de 12% para 67% da noite para o dia.

A barreira chinesa subirá assim que atingirmos a cota de 1,106 milhão de toneladas desembaraçadas naquele país neste

ano. Na última semana, o Ministério do Comércio da China informou que o Brasil já havia preenchido 90% do limite.

Olhando os dados daqui, realmente aceleramos o envio de carne para o mundo. Segundo a Abiec, associação do setor, o Brasil exportou 1,7 milhão de toneladas no primeiro semestre e faturou US\$ 9,85 bilhões. A China respondeu por quase metade dessa receita. Foi justamente esse sucesso que ampliou a vulnerabilidade.

Como quase 1 milhão de toneladas já havia entrado no mercado chinês no início de agosto,

os frigoríficos reduziram os embarques. Em julho, as vendas à China caíram 47% na comparação anual.

Enquanto os embarques para a China são travados, seu maior rival pode ter apetite para colocar mais carne brasileira no prato. O rebanho dos Estados Unidos caiu para 86,2 milhões de cabeças, o menor patamar desde 1951, e o país deverá importar cerca de 2,75 milhões de toneladas neste ano.

A MBRF apareceu melhor na foto. Mesmo com queda no lucro, vendeu volume recorde e ampliou em 5,4% o mesmo indicador

operacional. A vantagem veio da diversificação entre carne bovina, aves, alimentos processados e diferentes países. Quando uma parte sofre, as outras ajudam a equilibrar o resultado.

A diferença foi notada pelos investidores. Até a tarde de sexta-feira, enquanto o Ibovespa caía 4,2% na semana, a MBRF subia 2,6%. A JBS, negociada em Nova York, recuperou-se da queda após o balanço e avançava cerca de 1%. A Minerva chegou a despencar quase 10% na quinta-feira, mas reduziu a perda semanal para 3,9%.

Os grandes investidores sabem que não basta olhar tamanho, faturamento ou produção. Uma empresa concentrada em um único país ou proteína pode ganhar mais quando o cenário ajuda, mas sofre o dobro quando uma porta se fecha.

Os balanços de JBS, MBRF e

Minerva, divulgados na última semana, dão pistas sobre o que vem pela frente. Quem depende mais do boi está no centro da turbulência.

A JBS alcançou receita recorde de US\$ 23,9 bilhões, mas terminou o trimestre com prejuízo de US\$ 102 milhões. Nos Estados Unidos, o custo do gado subiu mais do que o preço da carne. No Brasil, onde as exportações ajudaram a sustentar o negócio, a receita avançou 28%.

A Minerva também mostrou que vender mais não significa ganhar mais. A receita chegou a R\$ 14,1 bilhões, mas o lucro caiu 57%, para R\$ 197 milhões. Seu Ebitda indicador que mostra quanto a atividade principal rendeu recuou 5,5%. A empresa também gastou mais para formar estoques, aumentando a preocupação com sua geração de caixa.



Tá com crédito

Soluções de crédito com ótimas taxas.*

Vai investir na sua empresa? Conte com crédito Banrisul.

*Sujeito a análise de crédito.

Saiba mais:




Proamb investe R\$ 20 milhões em novo aterro

MAICON HINRICHSEN, EDIVAN ROSA E CÉSAR SILVESTRO/DIVULGAÇÃO/JC



A Fundação Proamb pretende levar adiante a construção de um novo aterro para resíduos industriais em Montenegro, no Vale do Caí, com investimento de R\$ 20 milhões. O início das obras deve ser ainda em 2026. De acordo com diretor de operações da empresa, Gustavo Fiorese, é aguardada para este período a concessão da licença ambiental de instalação para o empreendimento. “A partir da licença, a previsão é investir R\$ 5 milhões ainda neste ano. O cronograma das obras de preparação é de 10 meses”, explica o diretor. A perspectiva da Proamb é começar a operação plena do novo aterro no segundo semestre de 2027.

A iniciativa deve sair do papel seis anos depois do primeiro anúncio do projeto. Em 2020, a empresa da Serra chegou a obter a licença ambiental para implantar o seu novo aterro na área de 46 hectares do bairro do Pesqueiro, em Montenegro, mas acabou, dois anos de-



Imagem aérea do local onde ficará o aterro industrial em Montenegro

pois, travada por uma contestação da administração municipal.

Em março deste ano, o Órgão Especial do Tribunal de Justiça julgou inconstitucional o artigo da Lei Orgânica de Montenegro que exigia, à época, a realização de um plebiscito para a instalação deste tipo de empreendimento. A decisão reforçou a responsabilidade do Estado e da União para legislar sobre o licenciamento ambiental. O aterro terá a capacidade para absorver cerca de 10 mil metros cúbicos de resíduos industriais. Entre os potenciais considerados pela Proamb, está o avanço do

Polo Químico. Ainda conta a proximidade do Polo Petroquímico de Triunfo e da cadeia industrial próxima da Região Metropolitana de Porto Alegre.

“Será uma unidade com autonomia para 30 anos e com caráter estratégico para o descarte de resíduos industriais. É uma área que, historicamente, foi intensamente utilizada e alterada até 2012, como jazida comercial de solo argiloso, saibro e basalto. Atualmente, está fechada e sem uso, mas degradada por anos pelo uso da exploração mineral. Com o aterro, haverá revitalização e ocupação controlada.”

Futuro será de integração com ecossistema de Bento Gonçalves

O futuro aterro será integrado ao ecossistema já em operação a partir de Bento Gonçalves, onde fica a sede administrativa da empresa e as suas estruturas de engenharia e desenvolvimento tecnológico. Em Pinto Bandeira e Farroupilha, a Proamb conta com aterro e central de resíduos. O ponto nevrálgico da cadeia circular dos resíduos industriais fica em Nova Santa Rita, onde a Proamb tem uma das mais modernas unidades de coprocessamento da América Latina. No local, são processadas 25 toneladas por hora para a geração de combustível derivado de resíduo (CDR).

De acordo com o diretor de operações da empresa, Gustavo Fiorese, o objetivo agora é dobrar a capacidade desta planta. Para isso, a Proamb projeta a compra de trituradores da Áustria, com a capacidade de ampliar o potencial de produção de blend. Os valores a serem aplicados nessa melhoria não são divulgados. “Nessa unidade, também estamos investindo na estruturação de uma frente de

negócios voltada à economia circular, transformando resíduos que antes seriam descartados em matéria-prima para outros processos produtivos. O objetivo é fechar o ciclo: reduzir a extração de recursos naturais, dar destinação nobre aos rejeitos e devolver valor à cadeia produtiva, ao mesmo tempo em que diminuímos a pegada ambiental das indústrias que atendemos”, aponta.

A principal destinação do CDR é a indústria cimenteira. O material substitui combustíveis fósseis na alimentação dos fornos usados no preparo do cimento, reduzindo assim a geração de CO₂ na produção.

Ficha técnica

- **Investimento:** R\$ 20 milhões
- **Estágio:** Em execução até 2027
- **Empresa:** Fundação Proamb
- **Cidade:** Montenegro
- **Área:** Indústria